

IPECE Informe

Nº 226 – Abril/2023

A Mulher Cearense no Mercado de Trabalho.



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E GESTÃO

Governador do Estado do Ceará

Elmano de Freitas da Costa

Vice-governadora do Estado do Ceará

Jade Afonso Romero

Secretaria do Planejamento e Gestão – SEPLAG

Sandra Maria Olimpio Machado – Secretária

Auler Gomes de Sousa – Secretário Executivo de Gestão e Governo Digital

Naiana Corrêa Lima Peixoto – Secretária Executiva de Planejamento e Orçamento

Raimundo Avilton Meneses Júnior – Secretário Executivo de Planejamento e Gestão Interna

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE

Diretor Geral

Alfredo José Pessoa de Oliveira

Diretoria de Estudos Econômicos – DIEC

Ricardo Antônio de Castro Pereira

Diretoria de Estudos Sociais – DISOC

José Meneleu Neto

Diretoria de Estudos de Gestão Pública – DIGEP

José Fábio Bezerra Montenegro

Gerência de Estatística, Geografia e Informações – GEGIN

Rafaela Martins Leite Monteiro

IPECE Informe – Nº 226 – Abril/2023

DIRETORIA RESPONSÁVEL:

Diretoria de Estudos Sociais – DISOC

Elaboração:

Victor Hugo de Oliveira (Analista de Políticas Públicas)

Colaboração:

Rayén Heredia Peñaloza (Apoio Técnico)

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará. Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão: Gerar e disseminar conhecimento e informações, subsidiar a formulação e avaliação de políticas públicas e assessorar o Governo nas decisões estratégicas, contribuindo para o desenvolvimento sustentável do Ceará.

Valores: Ética, transparência e impessoalidade; Autonomia Técnica; Rigor científico; Competência e comprometimento profissional; Cooperação interinstitucional; Compromisso com a sociedade; e Senso de equipe e valorização do ser humano.

Visão: Até 2025, ser uma instituição moderna e inovadora que tenha fortalecida sua contribuição nas decisões estratégicas do Governo.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)
Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n | Edifício SEPLAG | Térreo
Cambéba | Cep: 60.822-325 |
Fortaleza, Ceará, Brasil | Telefone: (85) 3101-3521
www.ipece.ce.gov.br

Sobre o IPECE Informe

A Série **IPECE Informe**, disponibilizada pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), visa divulgar análises técnicas sobre temas relevantes de forma objetiva. Com esse documento, o Instituto busca promover debates sobre assuntos de interesse da sociedade, de um modo geral, abrindo espaço para realização de futuros estudos.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE 2023

IPECE informe / Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) / Fortaleza – Ceará: Ipece, 2023

ISSN: 2594-8717

1. Economia Brasileira. 2. Economia Cearense. 3. Aspectos Econômicos. 4. Aspectos Sociais. 5. Mercado de Trabalho.

Nesta Edição

O presente estudo tem por objetivo traçar um panorama do mercado de trabalho da mulher cearense com base nos dados trimestrais da PNAD Contínua do IBGE, considerando o período entre os anos de 2012 a 2022.

Assim, conforme analisado, o cenário de pandemia do Covid-19 levou a uma deterioração do mercado de trabalho da mulher cearense. Provocando uma redução na participação de mulheres no mercado de trabalho (49,5%, em 2022), um aumento no desalento feminino (9,7% também em 2022), uma proporção elevada de mulheres trabalhando em situação de informalidade (66,3% no mesmo ano), além de uma perda real no rendimento médio da mulher cearense (1.258,3 reais).

Destaca-se a expressiva disparidade racial entre mulheres brancas e negras presente no mercado de trabalho, sendo estas últimas em condições de maior vulnerabilidade.

1. Introdução

Em conjunto com os jovens, as mulheres foram as mais afetadas pela pandemia no mercado de trabalho. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que, em decorrência da pandemia, aproximadamente 23,6 milhões de mulheres ao redor do mundo perderam seus empregos. Destas, após este cenário, somente 19,3 milhões conseguiram recuperá-los.

As mulheres se viram em situação de maior vulnerabilidade, uma vez que foram afetadas de dois lados, tanto pelo aumento de carga de trabalho não remunerado em seus domicílios e, por conseguinte, encontravam-se com menor disponibilidade para trabalhar, quanto pela retração da oferta de empregos. E, dado esta mecânica, as mais afetadas foram mulheres residentes em zonas rurais, chefes de domicílio com filhos pequenos, de menor escolarização e qualificação, assim como mulheres negras ou indígenas (OIT,2022).

Tendo isto em vista, este informe busca analisar os principais indicadores relativos à participação da mulher cearense no mercado de trabalho, afim retratar o cenário atual e destacar a maior problemática da dinâmica da participação desta mesma no mercado trabalho, assim como destacar as disparidades raciais presentes no meio.

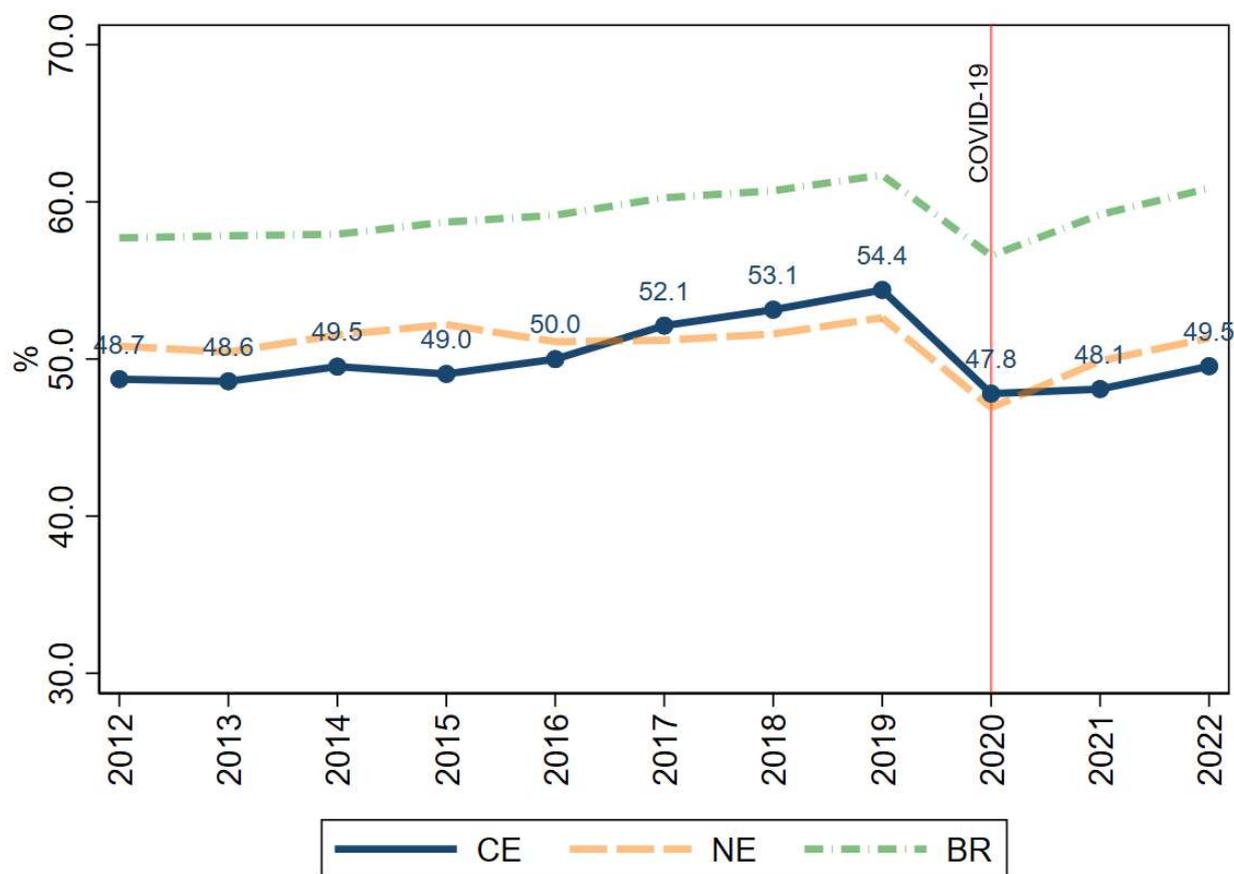
Para tanto, utilizam-se os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC) realizada pelo IBGE, considerando o período entre 2012 e 2022 E analisam-se os principais indicadores relativos ao mercado de trabalho, tais como: a participação na força de trabalho, taxa de desocupação, informalidade, desalento, bem como o rendimento médio entre mulheres no ceará. Além disso, busca-se também são analisados estes indicadores por cor/raça¹.

2. Ocupação.

O Gráfico 1, a seguir, explicita o impacto sofrido por mulheres com respeito a participação no mercado de trabalho. Considerando o período entre 2012 e 2019, observa-se um crescimento de 11,7% (o equivalente a 5,7 pontos percentuais) em 8 anos, passando de uma proporção de 48,7% das mulheres na força de trabalho, em 2012, para 54,4% destas, em 2019. Contudo, com o início do cenário de pandemia, esta proporção de mulheres na força de trabalho sofreu uma redução de -9%, e, em 2022, esta mesma proporção foi observada em 49,5% das mulheres cearenses, ficando abaixo da média do Nordeste e Brasil. Com isto, em 2022, já observa-se uma recuperação da deteriorização no mercado de trabalho para as mulheres, onde este indicador retoma o patamar inicial apresentado na série.

¹ Para tal, faz-se a distinção entre mulheres brancas, negras e asiáticas/indígenas. Cabe, portanto, fazer o destaque que, de acordo com a nova classificação do IBGE, a classificação de negra corresponde a mulheres pretas ou pardas (Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=284235>). Além disso, agrupa-se mulheres asiáticas e indígenas devido à representatividade mínima na amostra para o Ceará.

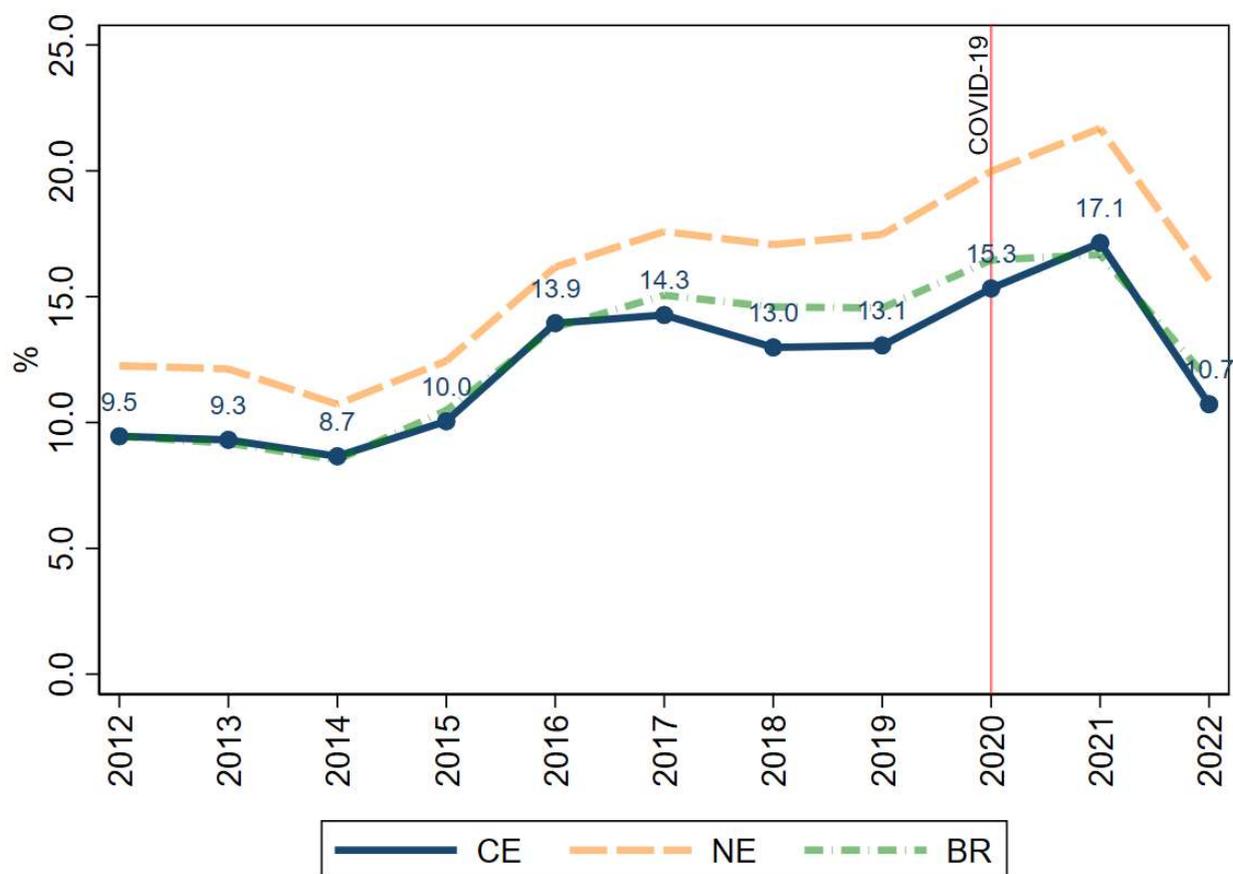
Gráfico 1: Proporção de mulheres (15 a 65 anos) na força de trabalho (2012 a 2022) - Brasil, Nordeste e Ceará.



Fonte: PNADC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Entre as mulheres pertencentes à força de trabalho, porém, consideradas como desocupadas, esta proporção já seguia uma tendência crescente desde 2014, passando de 8,7%, no mesmo ano, para 17,1% em 2021 (Gráfico 2). O crescimento deste indicador observado entre 2014 e 2016, mostra-se como um reflexo da recessão econômica sofrida no Brasil iniciada ao final de 2014 (COSTA et al., 2019). Em seguida, após um breve período de tendência decrescente, a proporção de mulheres desocupadas volta a crescer em decorrência da pandemia. Em 2022, já são dados indícios de um aquecimento da economia com a redução de -18,3% deste indicador no período pós pandemia, chegando, em 2022, com uma proporção de 10,7% das mulheres desocupadas no Ceará.

Gráfico 2: Proporção de mulheres (15 a 65 anos) desocupadas (2012 a 2022) – Brasil, Nordeste e Ceará.

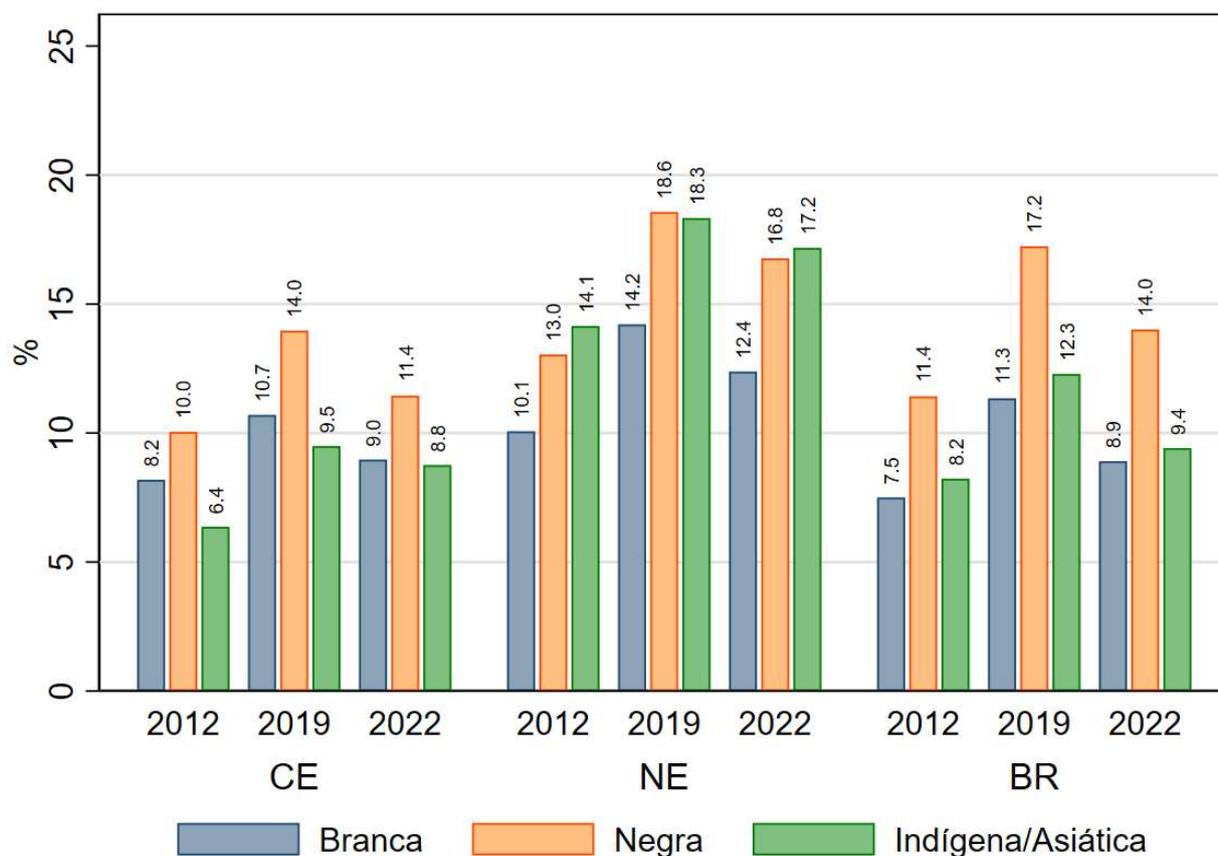


Fonte: PNADC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Ao analisar a proporção de mulheres desocupadas por raça/cor (Gráfico 3), observa-se uma proporção superior destas entre mulheres negras. Este padrão se repete tanto no estado, quanto no Nordeste e Brasil. No entanto, o Ceará apresenta a menor disparidade entre negras e brancas (diferença de 2,4 p.p entre as proporções), quando comparada a esta diferença para o Nordeste (4,4 p.p) e para o Brasil (5,1 p.p entre as proporções), em 2022. Além da menor diferença entre a proporção de desocupadas entre mulheres negras e brancas, o Ceará também apresentou, em 2022, a menor proporção de mulheres desocupadas negras (11,4% destas mulheres cearenses), enquanto que o Nordeste apresentou a maior (16,8%), seguido pelo Brasil (14% das mulheres negras).

Em termos de evolução, a proporção de mulheres negras desocupadas sofreu um aumento de 14% entre 2012 e 2022. Assim como a diferença entre estas proporções entre mulheres negras e brancas. Enquanto, em 2012, estas proporções correspondiam a 10% e 8,2 o que equivalia a uma diferença de 1,8 p.p, em 2022, esta diferença aumentou para 2,4 p.p, dado que as respectivas proporções de desocupadas entre negras e brancas, correspondia a 11,4% e 9%, respectivamente.

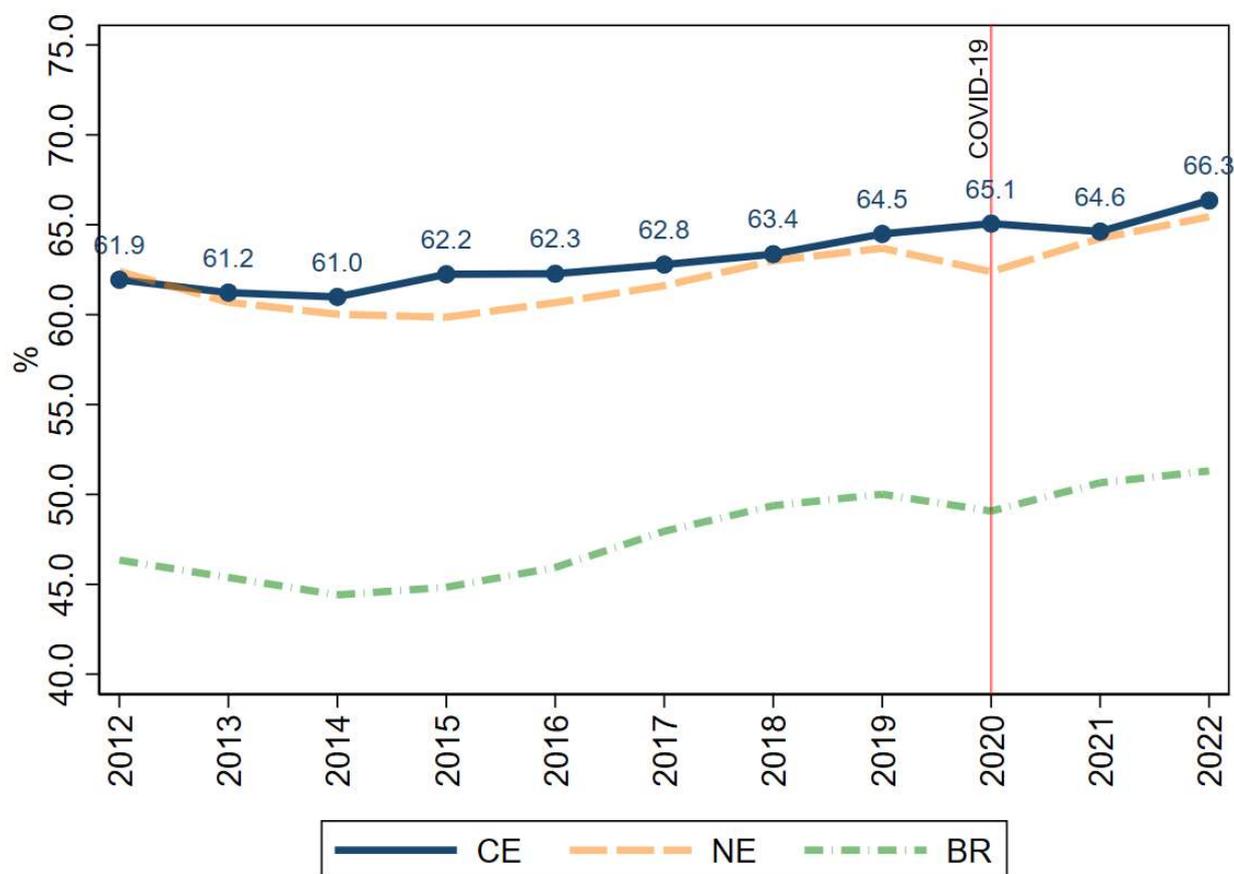
Gráfico 3: Proporção de mulheres (15 a 65 anos) desocupadas por raça/cor (2012, 2019 e 2022) – Brasil, Nordeste e Ceará.



Fonte: PNADC/IBGE. Elaboração: IPECE.

O Gráfico 4 a seguir, apresenta a evolução da proporção das mulheres que, uma vez ocupadas, encontravam-se em situação de informalidade. Assim, para o Ceará, observa-se um crescimento discreto, porém contínuo de 7,1% em 11 anos (2012 a 2022). Em 2022, mais de 66% das mulheres cearenses ocupadas encontravam-se trabalhando em situação de informalidade. A maior proporção, quando comparado ao Nordeste e Brasil.

Gráfico 4: Proporção de mulheres (15 a 65 anos) ocupadas informalmente (2012 a 2022) – Brasil, Nordeste e Ceará.



Fonte: PNADC/IBGE. Elaboração: IPECE.

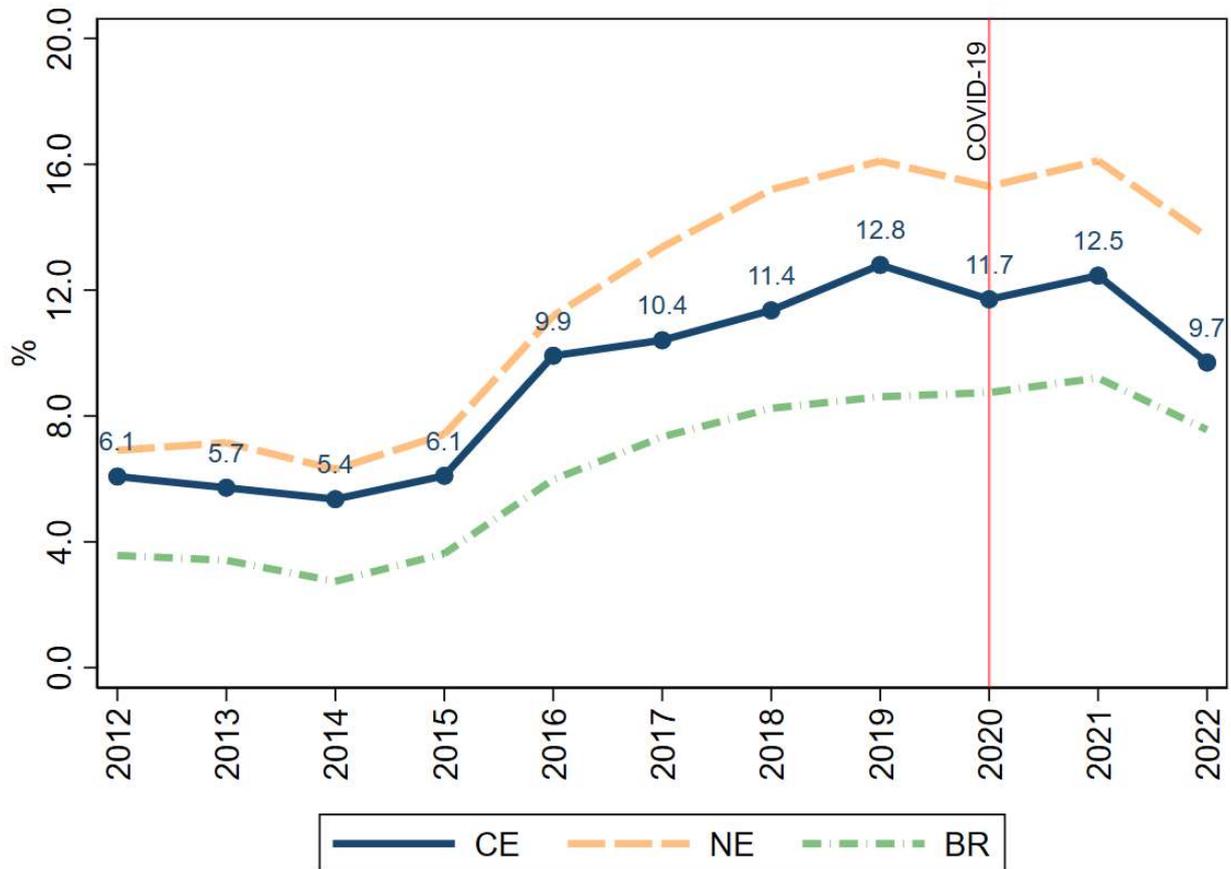
O Gráfico 5 aponta para um crescimento expressivo da proporção de mulheres cearenses em situação de desalento a partir de 2014, passando de uma proporção de 5,4% para 12,8%, em 2019. Mais ainda, considerando o período pré-pandemia, este crescimento correspondeu 109,8% em 8 anos (em média, 13,7% p.p ao ano).

Ao início da pandemia, observa-se uma discreta redução na proporção de mulheres em desalento no Ceará, no entanto, esta pequena redução pode ser explicada pela transição de mulheres para fora da força de trabalho, mas que nem todas as mulheres fora da força do trabalho encontram-se em situação de desalento. Isto é, ao que pode ser elencado como hipótese, de acordo com a OIT (2022), muitas mulheres, principalmente jovens, de baixa renda, chefes de família e/ou com filhos, com o início da pandemia, foram solicitadas a auxiliar com trabalhos no domicílio, encontrando-se indisponíveis para o trabalho.

Em seguida, considerando o período pós-pandemia, há uma redução deste indicador (-24,2%), chegando a 9,7% de mulheres cearenses em situação de desalento. E, assim, aproxima-se tanto da média

nacional, quanto do patar observado ao início da série (6,1% de mulheres), indicando um reaquecimento das atividades econômicas.

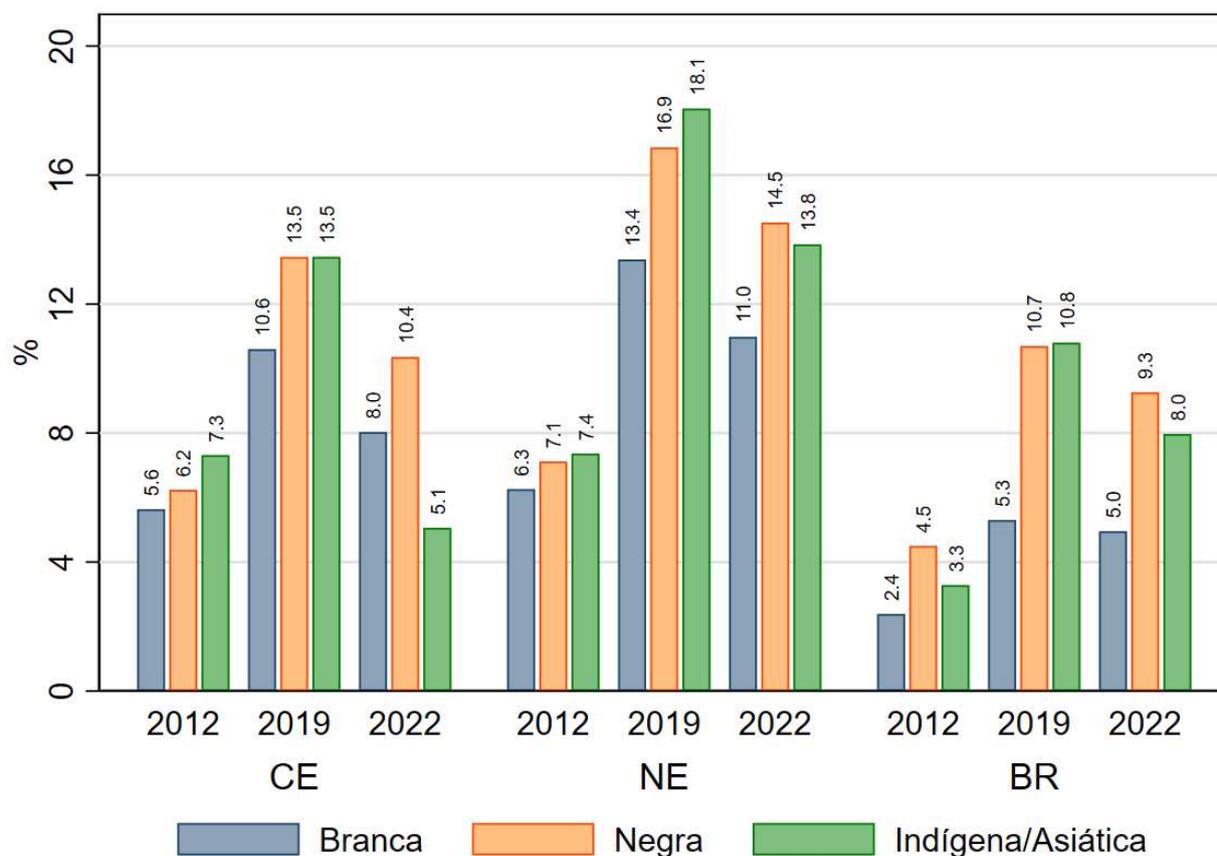
Gráfico 5: Proporção de mulheres (15 a 65 anos) em situação de desalento (2012 a 2022) – Brasil, Nordeste e Ceará.



Fonte: PNADC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Em 2012, a taxa de desalento entre mulheres negras correspondia a 6,2% (Gráfico 6). Esta proporção, estabelecia uma pequena diferença, quando comparada a esta mesma proporção entre mulheres brancas (5,6%). Contudo, em 2022, além do aumento da proporção de mulheres em situação de desalento, observa-se também um aumento desta diferença entre mulheres brancas (8%) e negras (10,4%), sendo esta diferença equivalente a 30%. Este aumento aponta para o aumento da disparidade racial considerando o período entre 2012 e 2022.

Gráfico 6: Proporção de mulheres (15 a 65 anos) em situação de desalento por raça/cor (2012, 2019 e 2022) - Brasil, Nordeste e Ceará.

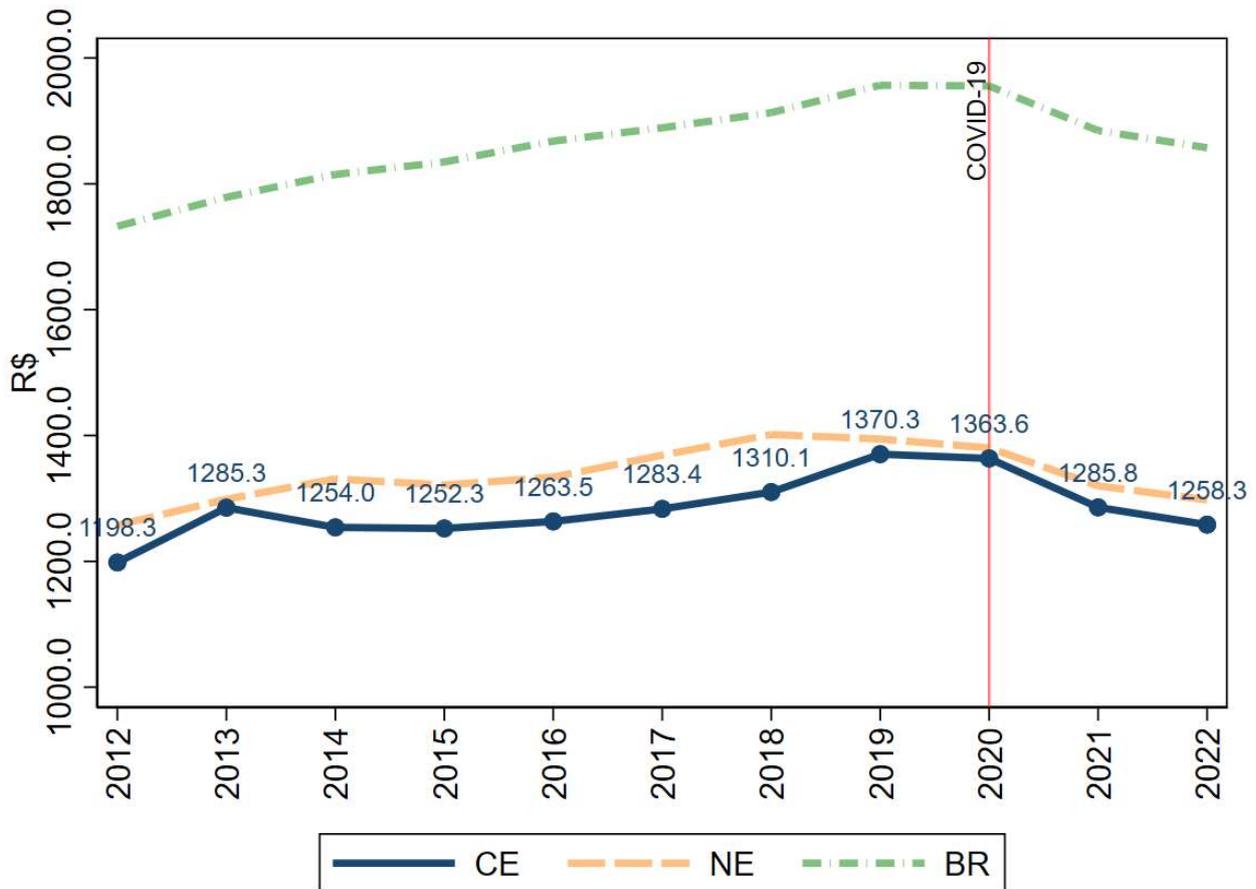


Fonte: PNADC/IBGE. Elaboração: IPECE.

3. Rendimentos

O rendimento real efetivo para mulheres cearenses é, historicamente, inferior à média nacional e regional (Gráfico 7). Ao analisar a evolução deste indicador, observa-se que, após uma tendência crescente, considerando o período pré-pandemia (crescimento de 14,4% em 8 anos), a pandemia reverteu tal tendência provocando uma queda de mais de -8,2%, onde, em 2022, chegou a uma média de R\$ 1.258,3. Esta média decresceu ao ponto de ser inferior, quando comparada à média observada em 2013 (R\$ 1285,3). Nota-se também que a média salarial da mulher cearense é inferior à média regional e substancialmente inferior à média nacional. Essa diferença tem se mantido ao longo dos anos mesmo com o ganho educacional da mulher cearense desde 2012. É necessário, portanto, um estudo aprofundamento do mercado de trabalho feminino no Ceará para se entender o por quê dos ganhos educacionais não se refletirem em ganhos salariais.

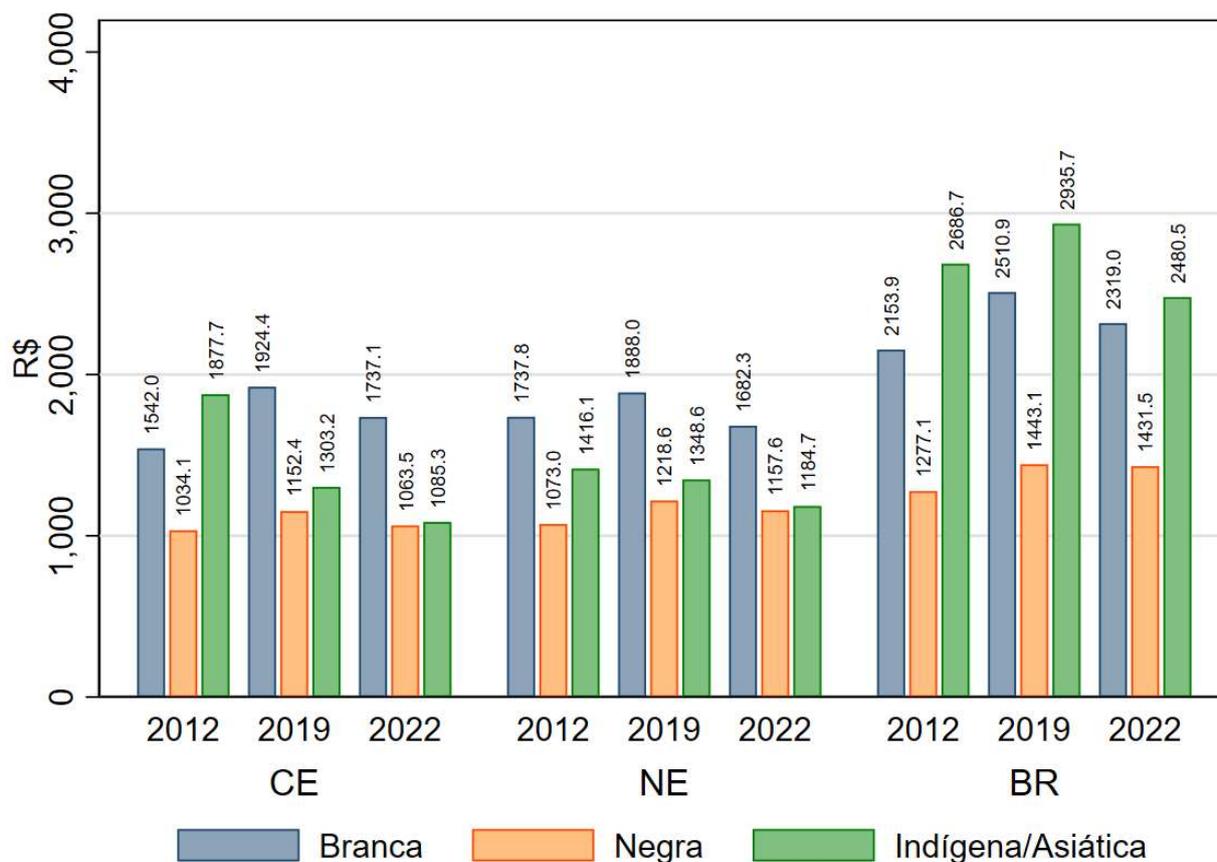
Gráfico 7: Rendimento real efetivo de todas as fontes para a mulher (15 a 65 anos) no mercado de trabalho (2012 a 2022) - Brasil, Nordeste e Ceará.



Fonte: PNADC/IBGE. Elaboração: IPECE.

O Gráfico 8 expressa a disparidade salarial presente entre mulheres negras, brancas e indígenas/asiáticas. Em 2022, mulheres brancas ganhavam, em média, R\$ 1.737,1, enquanto que, mulheres negras ganhavam quase 40% a menos do que estas, o equivalente a uma média de R\$ 1.063,5, no mesmo período. Mulheres indígenas, ou asiáticas, apresentam ter uma remuneração média similar às mulheres negras em 2022 (R\$ 1.085,3). Assim como a disparidade racial presente na participação da mulher no mercado de trabalho, também observa-se, portanto, uma disparidade salarial em função da raça/cor da mulher no Ceará.

Gráfico 8: Rendimento real efetivo de todas as fontes para a mulher (15 a 65 anos) no mercado de trabalho por raça/cor (2012, 2019 e 2022) - Brasil, Nordeste e Ceará.



Fonte: PNADC/IBGE. Elaboração: IPECE.

6. Conclusão

A pandemia provocou uma grande deterioração no mercado de trabalho a nível mundial, como um todo. No entanto, as mulheres foram mais afetadas neste sentido (OIT,2022). Ao fazer a análise dos dados da PNAD Contínua, observa-se que o cenário no Ceará não foi distinto.

Muito embora a participação da mulher cearense no mercado de trabalho tenha crescido 11,7% entre 2012 e 2019 (saindo de 48,7% para 54,4%), a pandemia reverteu este crescimento, provocando uma queda de -9% em três anos, chegando a 49,5% das mulheres, em 2022.

Entre aquelas pertencentes à força de trabalho, a proporção de mulheres consideradas como desocupadas já apresentava uma trajetória crescente desde 2015. Trajetória esta que foi ainda mais acelerada em decorrência da pandemia (chegando a 17,1%, em 2021). Após este período, com o reaquecimento da economia, a taxa de desocupação entre mulheres cearenses, volta a decrescer, passando para 10,7%, em 2022.

Não obstante, o impacto maior observado foi entre a proporção de mulheres em situação de desalento, cujo crescimento expressivo também já era observado em um período precedente à pandemia. Passando de 6,1% das mulheres, em 2012, para 12,8% destas, em 2019 (crescimento este de 109,8%). A partir deste ano, observa-se uma tendência de redução, chegando a 9,7%, em 2022.

Apesar de não apresentar grandes oscilações no indicador, as mulheres, de um modo geral, apresentaram taxas elevadas de participação no mercado de maneira informal, uma proporção equivalente a 66,3% no último ano analisado.

Ao fazer esta mesma análise por raça/cor, observa-se que as mulheres negras cearenses representam uma população de maior vulnerabilidade, dado a discrepante diferença entre estes mesmos indicadores do mercado de trabalho para mulheres brancas. No ano de 2022, em um comparativo com mulheres brancas, as mulheres negras apresentam menor participação no mercado de trabalho (uma diferença de 51,8% e 48,7%, respectivamente), maior nível de desocupação (11,4%, em contra partida de 9% de mulheres brancas), e encontram-se em maior situação de desalento (10,4% entre mulheres negras *vs* 8% entre mulheres brancas).

Além disso, mulheres cearenses apresentam menores rendimentos, quando comparado ao Brasil e Nordeste. Este rendimento real efetivo apresentou uma queda de 8,2% durante a pandemia e chegou a R\$ 1.258, em 2022. Mulheres negras também tem menor remuneração no mercado de trabalho, dado a diferença de 39% de diferença em relação à média de rendimentos entre mulheres brancas. Mulheres negras, em média ganhavam R\$ 1.063,5, enquanto mulheres brancas ganhavam R\$ 1.737,1 também em 2022.

Evidencia-se portanto, a urgência de maior atenção de programas e políticas que impeçam o retrocesso dos avanços alcançados da participação da mulher no mercado de trabalho ao longo destes anos. É de suma importância, portanto, trabalhar em prol de reverter a deterioração ocasionada pela crise econômica no cenário de pandemia. E assim, conseguir que a mulher cearense e, em especial a mulher negra cearense, ganhe e conquiste cada vez mais o devido espaço no mercado de trabalho.

Referências Bibliográficas

COSTA, Joana Simões de Melo et al. Crise econômica e a transição do emprego doméstico no Brasil. 2019.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Nota Técnica “America Latina y Caribe: Políticas de Igualdad de género y mercado de trabajo durante la pandemia”. **Serie Panorama Laboral en América Latina y el Caribe 2022. Desafíos y oportunidades del trabajo en América Latina y el Caribe.** Março,2022.